


DECLARAÇÃO

Eu, Célia Romano do Amaral Mariano, RG. 5.714022-4, formada em Biblioteconomia pela Faculdade de Sociologia e Política da USP, com Diploma registrado no MEC e inscrita no Conselho Regional de Biblioteconomia sob o número 1/1528, declaro para os devidos fins acadêmicos que fiz a revisão das citações e referências bibliográficas da monografia de **LAERTE GONÇALVES JUNIOR** acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER.

Rubiataba, 27 de Junho de 2005


Célia Romano do Amaral Mariano
Bibliotecária CRB-1/1528

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1995. 261 p.

ARIÈS, Phillipe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro:Francisco Alves, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1977.

GUSDORF, Georges. **Tratado de metafísica**. São Paulo: Nacional, 1960.

MATTA, Roberto da. **A casa e a rua**. São Paulo:Brasiliense, 1985, p. 117.

MEDARD, Angústia Boss. **Culpa e libertação**. 2. ed. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

PLATÃO. **A República**. 2.ed. São Paulo, Difel, 1973. 349 p.

_____. **Diálogo de Fedon**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. 261 p. (Os Pensadores).

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. São Paulo: Difusão Européia, 1967. 159 p.

Revisado por



justas, passaremos para a vida eterna com estas lembranças, que se repetirão para sempre. Em caso contrário, se pensarmos somente em coisas injustas e ruins, passaremos para a vida eterna com eternas repetições destas coisas. Resumindo, a morte é como um sonho durante a vida na terra. Se prestarmos atenção aos nossos sonhos, saberemos exatamente como nos movimentamos durante a vida no infinito universo, após à morte de nossos corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Platão, o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto, que ilumina o primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar. A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe que o é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe que o é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso, errôneo. Poder-se-ia também dizer que o primeiro sabe que as coisas estão assim, sem saber porque o estão, ao passo que o segundo sabe que as coisas devem estar necessariamente assim como estão, precisamente porque é ciência, isto é, conhecimento das coisas pelas causas.

Todas as idéias existem num mundo separado, o mundo dos inteligíveis, situado na esfera celeste. A certeza da sua existência funda-a Platão na necessidade de salvar o valor objetivo dos nossos conhecimentos e na importância de explicar os atributos do ente de Parmênides, sem, com ele, negar a existência do *fieri*. Tal a célebre teoria das idéias, alma de toda filosofia platônica, centro em torno do qual gravita todo o seu sistema.

Mas a alma está no corpo como num cárcere, o intelecto é impedido pelo sentido da visão das idéias, que devem ser trabalhosamente lembradas. E diga-se o mesmo da vontade a respeito das tendências. E, apenas mediante uma disciplina ascética do corpo, que o mortifica inteiramente, e mediante a morte libertadora, que desvencilha para sempre a alma do corpo, o homem realiza a sua verdadeira natureza: a contemplação intuitiva do mundo ideal.

A resposta ao enigma da morte, em que a alma volta ao seu ponto inicial, é que ela vive absolutamente livre da matéria, mas só poderá manifestar - se pela experiência e evolução do conhecimento adquirido ao longo do tempo. E que a vida após à morte é como nos sonhos que nós seres humanos temos todos os dias. Se nossos pensamentos se enchem de conhecimento e sabedoria de coisas boas e

Mais ainda, a insensibilidade com relação à morte individual tem paralelo com a inconsciência referente ao destino do planeta. Pela primeira vez na história da humanidade a morte ultrapassa a dimensão do indivíduo e ameaça a sobrevivência de todos.

Por isso, é preciso resgatar, no mundo atual, a consciência da morte, o que não deve ser entendido como a preocupação mórbida, doentia do homem que vive obcecado pela morte inevitável. Tal atitude seria pessimista e paralisante. Ao contrário, ao reconhecer a finitude da vida, reavaliamos nosso comportamento e escolhas, e podemos proceder a uma diferente priorização de valores.

Por exemplo, se tomamos como valores absolutos o acúmulo de bens, a fama e o poder, a reflexão sobre a mortalidade torna ridículos esses anseios, privilegiando outros valores que nos dão maior dignidade. Essa mesma reflexão, no nível planetário, ajuda - nos a questionar os falsos objetivos do progresso a qualquer custo.

A consciência da morte ajuda - nos a questionar não só se nossa vida é autêntica ou inautêntica, mas também se faz sentido o destino que os povos legaram para seus herdeiros.

Antigamente dizia - se as crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam à grande cena das despedidas, à cabeceira do moribundo. Hoje, são iniciadas desde a mais tenra idade na Filosofia do amor, mas, quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim por entre as flores.⁵

A tentativa de ocultamento da morte talvez explique a sofisticação das funerárias americanas que "tomam conta do morto".

Segundo Boss (apud ARANHA, 1995, p. 73), Médico e psicanalista suíço, diz em "Angústia, culpa e libertação":

Nunca esquecerei minhas visitas aos 'Funerall Homes' Americanos, nos quais os defuntos são maquilados, um cigarro é colocado em suas bocas, e ao lado se tocam fitas gravadas com discursos que os falecidos pronunciaram outrora.⁶

O antropólogo brasileiro Roberto da Matta também refere - se ao fato de os mortos serem colocados em caixões acolchoados de cetim que lembram uma cama confortável: "O que seria tudo isto, senão um modo radical de livrar - se do morto, transformando - o em alguém que realmente dá a impressão de repousar?" (MATTA, apud ARANHA, 1995, 117)

Por que será que o homem contemporâneo escamoteia assim à morte? Talvez porque a dificuldade que ele sente para lidar com a morte esteja relacionada à sua incapacidade para lidar com a vida.

O homem urbano, individualista, massacrado pelo sistema de produção, obrigado a desempenhar funções que não escolheu e num ritmo que não é o seu, acha - se muito distante daquilo que poderíamos considerar uma boa qualidade de vida. Independentemente do progresso técnico atingido, são altos os níveis de alienação humana no trabalho, no consumo.

⁵ (ARIÉS, apud ARANHA, 1995, p. 56)

⁶ Boss (apud ARANHA, 1995, p. 73)

Os parentes, vizinhos e amigos acompanham a agonia do moribundo. Geralmente, o doente permanece em casa, atendido pelo médico da família. As cerimônias são procedidas conforme a religião do morto: dependendo disso, chama-se o padre para dar a extrema-unção, de preferência enquanto há lucidez, sem falsos escrúpulos de que o doente perceba a proximidade da morte.

Ao morrer, geralmente seu caixão é colocado sobre a mesa da sala de jantar e diante dele passarão os parentes, conhecidos e até transeuntes ocasionais, velando - se o defunto noite adentro. As crianças circulam pelo ambiente. O morto é chorado e frequentemente lembrado. A ausência é assinalada pelo luto, cuja duração varia conforme o tipo de parentesco; em algumas regiões, a viúva deve guardá - lo pelo resto da vida. Um conjunto de atos determinados socialmente - como visitas ao cemitério, missas para a alma do morto, flores, visitas de pêsames, cartas de condolências - ajuda os parentes a atravessar o período doloroso da perda e a reintegração à vida normal.

Algumas regiões, a negação da morte é um fenômeno diferente que vem ocorrendo há cerca de cinquenta anos, como resultado do processo de urbanização dos centros industrializados. A grande cidade cosmopolita impiedosamente destruiu os antigos laços, fragmentando a comunidade em núcleos cada vez menores e instaurando extremo individualismo.

As pessoas vivem no ritmo acelerado imprimido pelo sistema de produção e não tem tempo para velhos e os doentes. A medicina, cada vez mais especializada, se ocupa desses " marginais" da sociedade - porque reduzidos à improdutividade, que são trasladados para hospitais " a fim de ser melhor assistidos ". Se, por um lado, são tratados em prolongar a vida, por outro lado não escapam á solidão e à impessoalidade do atendimento. Os enfermeiros e médicos são eficientes, mas o moribundo encontra - se afastado da mão amiga, da atenção sem pressa nem profissionalismo.

Quando morre, o velório geralmente é feito no necrotério, para o qual não se costuma levar crianças, as quais crescem à margem dessa realidade da vida: nunca vêem um morto, nem um cemitério.

O francês Ariès aborda essas questões no clássico "História da morte no Ocidente". Nele se refere ao sociólogo Geoffrey Gorer, que escreveu um estudo com o título provocativo de " A pornografia da morte ", no qual mostra como a morte se tornou um tabu, substituindo o sexo como principal interdito:

CAPITULO III

A MORTE E A SOCIEDADE

Na história da humanidade pode - se observar a cultura e o costume de diversos povos, verifica - se que o sentido da morte não é sempre o mesmo. A maneira pela qual um povo enfrenta a morte ou o significado que lhe dá refletem de certa forma o sentido que ele confere à vida. Os pólos antagônicos vida e morte não são excludentes, pois são formas dialéticas inseparáveis.

No mundo tribal, a morte não é propriamente um problema. Ela não é enfocada do ponto de vista da morte de um indivíduo, mas acha - se integrada nas práticas coletivas de culto aos mortos, aos ancestrais.

O homem primitivo acha - se de tal forma envolvido na comunidade que o seu ser, não tendo o centro em si mesmo, se faz por meio da participação no todo coletivo. Como o eu se afirma pelos outros, o existir do primitivo é essencialmente relacional, e a individualidade encontra - se envolvida pela totalidade maior da comunidade. Por isso a morte não é percebida como dissolução, o morto apenas muda de estado e passa a pertencer à comunidade dos mortos, o que é viabilizado por "rituais de passagem" adequados à ocasião." Vivos e mortos, totem e deuses, antepassados, participam de uma mesma realidade vital " (GUSDORF, apud ARANHA, 1995, p. 99)

Não há nenhuma idéia de aniquilamento, e os mortos podem retornar ao mundo dos vivos durante o sono destes e por meio de aparições.

Nas sociedades tradicionais, fortemente marcadas pela predominância da vida comunitária, ocorre algo semelhante. Como são sociedade relacionais, onde o indivíduo encontra - se inserido numa totalidade mais importante que ele, há uma série de cerimônias e rituais que cercam o evento da morte. Isso não significa que seja fácil

morrer (muito ao contrário !), mas sim que a morte não é banalizada porque se acha inserida no cotidiano das pessoas como um evento importante.

Evidentemente, essas cerimônias variam conforme os costumes, mas vamos lembrar algumas delas, típicas das pequenas cidades, até ainda na primeira metade do século XX.

a morte libertadora, que desvencilha para sempre a alma do corpo, o homem realiza a sua verdadeira natureza: a contemplação intuitiva do mundo ideal.

O mundo material, o cosmos platônico, resulta da síntese de dois princípios opostos, as idéias e a matéria. O Demiurgo plasma o caos da matéria no modelo das idéias eternas, introduzindo no caos a alma, princípio de movimento e de ordem. O mundo, pois, está entre o ser (idéia) e o não-ser (matéria), e é o devir ordenado, como o adequado conhecimento sensível está entre o saber e o não-saber, e é a opinião verdadeira. Conforme a cosmologia pampsiquista platônica, haveria, antes de tudo, uma alma do mundo e, depois, partes da alma, dependentes e inferiores, a saber, as almas dos astros, dos homens, etc.

O dualismo dos elementos constitutivos do mundo material resulta do ser e do não-ser, da ordem e da desordem, do bem e do mal, que aparecem no mundo. Da idéia - ser, verdade, bondade, beleza - depende tudo quanto há de positivo, de racional no vir-a-ser da experiência. Da matéria - indeterminada, informe, mutável, irracional, passiva, espacial - depende, ao contrário, tudo que há de negativo na experiência.

Consoante a astronomia platônica, o mundo, o universo sensível, são esféricos. A terra está no centro, em forma de esfera e, ao redor, os astros, as estrelas e os planetas, cravados em esferas ou anéis rodantes, transparentes, explicando-se deste modo o movimento circular deles.

No seu conjunto, o mundo físico percorre uma grande evolução, um ciclo de dez mil anos, não no sentido do progresso, mas no da decadência, terminados os quais, chegado o grande ano do mundo, tudo recomeça de novo. É a clássica concepção grega do eterno retorno, conexas ao clássico dualismo grego, que domina também a grande concepção platônica.

o verdadeiro Deus platônico. No entanto, para ser verdadeiramente tal, falta-lhe a personalidade e a atividade criadora. Desta personalidade e atividade criadora - ou, melhor, ordenadora - é, pelo contrário, dotado o Demiurgo o qual, embora superior à matéria, é inferior às idéias, de cujo modelo se serve para ordenar a matéria e transformar o caos em cosmos.

A alma, assim como o Demiurgo, desempenha papel de mediador entre as idéias e a matéria, à qual comunica o movimento e a vida, a ordem e a harmonia, em dependência de uma ação do Demiurgo sobre a alma. Assim, deveria ser, tanto no homem como nos outros seres, porquanto Platão é um pampsiquista, quer dizer, anima toda a realidade. Ele, todavia, dá à alma humana um lugar e um tratamento à parte, de superioridade, em vista dos seus impelentes interesses morais e ascéticos, religiosos e místicos. Assim é que considera ele a alma humana como um ser eterno (coeterno às idéias, ao Demiurgo e à matéria), de natureza espiritual, inteligível, caído no mundo material como que por uma espécie de queda original, de um mal radical. Deve portanto, a alma humana, libertar-se do corpo, como de um cárcere; esta libertação, durante a vida terrena, começa e progride mediante a filosofia, que é separação espiritual da alma do corpo, e se realiza com a morte, separando-se, então, na realidade, a alma do corpo.

A faculdade principal, essencial da alma é a de conhecer o mundo ideal, transcendental: contemplação em que se realiza a natureza humana, e da qual depende totalmente a ação moral. Entretanto, sendo que a alma racional é, de fato, unida a um corpo, dotado de atividade sensitiva e vegetativa, deve existir um princípio de uma e outra. Segundo Platão (1991), tais funções seriam desempenhadas por outras duas almas - ou partes da alma: a irascível (ímpeto), que residiria no peito, e a concupiscível (apetite), que residiria no abdome - assim como a alma racional residiria na cabeça. Naturalmente a alma sensitiva e a vegetativa são subordinadas à alma racional.

Logo, segundo Platão (1991), a união da alma espiritual com o corpo é extrínseca, até violenta. A alma não encontra no corpo o seu complemento, o seu instrumento adequado. Mas a alma está no corpo como num cárcere, o intelecto é impedido pelo sentido da visão das idéias, que devem ser trabalhosamente lembradas. E diga-se o mesmo da vontade a respeito das tendências. E, apenas mediante uma disciplina ascética do corpo, que o mortifica inteiramente, e mediante

representam. Estas realidades chamam-se Idéias. As idéias não são, pois, no sentido platônico, representações intelectuais, formas abstratas do pensamento, são realidades objetivas, modelos e arquétipos eternos de que as coisas visíveis são cópias imperfeitas e fugazes. Assim, a idéia de homem é o homem abstrato perfeito e universal de que os indivíduos humanos são imitações transitórias e defeituosas.

Todas as idéias existem num mundo separado, o mundo dos inteligíveis, situado na esfera celeste. A certeza da sua existência funda-a Platão na necessidade de salvar o valor objetivo dos nossos conhecimentos e na importância de explicar os atributos do ente de Parmênides, sem, com ele, negar a existência do *fieri*. Tal a célebre teoria das idéias, alma de toda filosofia platônica, centro em torno do qual gravita todo o seu sistema.

O sistema metafísico de Platão centraliza-se e culmina no mundo divino das idéias; e estas contrapõe-se a matéria obscura e incriada. Entre as idéias e a matéria estão o Demiurgo e as almas, através de que desce das idéias à matéria aquilo de racionalidade que nesta matéria aparece.

O divino platônico é representado pelo mundo das idéias e especialmente pela idéia do Bem, que está no vértice. A existência desse mundo ideal seria provada pela necessidade de estabelecer uma base ontológica, um objeto adequado ao conhecimento conceptual. Esse conhecimento, aliás, se impõe ao lado e acima do conhecimento sensível, para poder explicar verdadeiramente o conhecimento humano na sua efetiva realidade. E, em geral, o mundo ideal é provado pela necessidade de justificar os valores, dever ser, de que este nosso mundo imperfeito participa e a que aspira.

Visto serem as idéias conceitos personalizados, transferidos da ordem lógica à ontológica, terão consequentemente as características dos próprios conceitos: transcenderão a experiência, serão universais, imutáveis. Além disso, as idéias terão aquela mesma ordem lógica dos conceitos, que se obtém mediante a divisão e a classificação, isto é, são ordenadas em sistema hierárquico, estando no vértice a idéia do Bem, que é papel da dialética (lógica real, ontológica) esclarecer. Como a multiplicidade dos indivíduos é unificada nas idéias respectivas, assim a multiplicidade das idéias é unificada na idéia do Bem. Logo, a idéia do Bem, no sistema platônico, é a realidade suprema, donde dependem todas as demais idéias, e todos os valores (éticos, lógicos e estéticos) que se manifestam no mundo sensível; é o ser sem o qual não se explica o vir-a-ser. Portanto, deveria representar

o é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso, errôneo. Poder-se-ia também dizer que o primeiro sabe que as coisas estão assim, sem saber porque o estão, ao passo que o segundo sabe que as coisas devem estar necessariamente assim como estão, precisamente porque é ciência, isto é, conhecimento das coisas pelas causas.

Sócrates estava convencido, como também Platão, de que o saber intelectual transcende, no seu valor, o saber sensível, mas julgava, todavia, poder construir indutivamente o conceito da sensação, da opinião; Platão, ao contrário, não admite que da sensação - particular, mutável, relativa - se possa de algum modo tirar o conceito universal, imutável, absoluto. E, desenvolvendo, exagerando, exasperando a doutrina da maiêutica socrática, diz que os conceitos são a priori, inatos no espírito humano, donde têm de ser oportunamente tirados, e sustenta que as sensações correspondentes aos conceitos não lhes constituem a origem, e sim a ocasião para fazê-los reviver, relembrar conforme a lei da associação.

Platão, diversamente de Sócrates, dá ao conhecimento racional, conceptual, científico, uma base real, um objeto próprio: as idéias eternas e universais, que são os conceitos, ou alguns conceitos da mente, personalizados. Do mesmo modo, dá ao conhecimento empírico, sensível, à opinião verdadeira, uma base e um fundamento reais, um objeto próprio: as coisas particulares e mutáveis, como as concebiam Heráclito e os sofistas. Deste mundo material e contingente, portanto, não há ciência, devido à sua natureza inferior, mas apenas é possível, no máximo, um conhecimento sensível verdadeiro - opinião verdadeira - que é precisamente o conhecimento adequado à sua natureza inferior. Pode haver conhecimento apenas do mundo imaterial e racional das idéias pela sua natureza superior. Este mundo ideal, racional - no dizer de Platão - transcende inteiramente o mundo empírico, material, em que vivemos.

Sócrates mostrara no conceito o verdadeiro objeto da ciência. Platão aprofunda-lhe a teoria e procura determinar a relação entre o conceito e a realidade fazendo deste problema o ponto de partida da sua filosofia.

A ciência é objetiva; ao conhecimento certo deve corresponder a realidade. Ora, de um lado, os nossos conceitos são universais, necessários, imutáveis e eternos (Sócrates), do outro, tudo no mundo é individual, contingente e transitório (Heráclito). Deve, logo existir, além do fenomenal, um outro mundo de realidades, objetivamente dotadas dos mesmos atributos dos conceitos subjetivos que as

- diversamente de Sócrates, que limitava a pesquisa filosófica, conceptual, ao campo antropológico e moral - Platão estende tal indagação ao campo metafísico e cosmológico, isto é, a toda a realidade.

No caráter íntimo, humano, religioso da filosofia, em Platão é tornado especialmente vivo, angustioso, pela viva sensibilidade do filósofo em face do universal vir-a-ser, nascer e perecer de todas as coisas; em face do mal, da desordem que se manifesta em especial no homem, onde o corpo é inimigo do espírito, o sentido se opõe ao intelecto, a paixão contrasta com a razão. Assim, considera Platão o espírito humano peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar o seu fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo eros platônico.

Platão como Sócrates, parte do conhecimento empírico, sensível, da opinião do vulgo e dos sofistas, para chegar ao conhecimento intelectual, conceptual, universal e imutável. A gnosiologia platônica, porém, tem o caráter científico, filosófico, que falta a gnosiologia socrática, ainda que as conclusões sejam, mais ou menos, idênticas. O conhecimento sensível deve ser superado por um outro conhecimento, o conhecimento conceptual, porquanto no conhecimento humano, como efetivamente, apresentam-se elementos que não se podem explicar mediante a sensação. O conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, não pode explicar o conhecimento intelectual, que tem por sua característica a universalidade, a imutabilidade, o absoluto (do conceito); e ainda menos pode o conhecimento sensível explicar o dever ser, os valores de beleza, verdade e bondade, que estão efetivamente presentes no espírito humano, e distinguem - se diametralmente de seus opostos, fealdade, erro e mal - posição e distinção que o sentido não pode operar por si mesmo.

Segundo Platão (1991), o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto, que ilumina o primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar. A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe que o é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe que

que o Conhecimento já existia antes do mundo dos homens, e que é formado pelo mundo das idéias, onde os deuses se nutrem de conhecimento, através da experiência vivida por todas as almas.

As almas, que vivem no mundo das idéias, no entanto, não podem manifestar-se no mundo sem depender da matéria, por este motivo, as que vivem enclausuradas nos corpos humanos, ao lembrar deste detalhe que conhecem de outrora, lutam para conseguir a manifestação do eterno através de elementos materiais como o fogo e o ouro, que por ser bons condutores de energia, trazem dos recantos mais misteriosos do céu, a manifestação das almas que ali cooperam com os deuses na regência do universo.

A resposta ao enigma da morte, em que a alma volta ao seu ponto inicial, é que ela vive absolutamente livre da matéria, mas só poderá se manifestar pela experiência e evolução do conhecimento adquirido ao longo do tempo. E que a vida após a morte é como sonhos que os seres humanos tem todos os dias. Se o pensamento se enchem de conhecimento e sabedoria de coisas boas e justas, passam para a vida eterna com estas lembranças, que se repetirão para sempre. Em caso contrário, se pensar somente em coisas injustas e ruins, passaremos para a vida eterna com eternas repetições destas coisas. Em outras palavras, a morte é como um sonho durante a vida na terra. Se prestar atenção aos sonhos, saberemos exatamente como nos movimentamos durante a vida no infinito universo, após a morte do corpos.

No mundo das idéias, onde as almas dos seres humanos vivem após à morte, estas dependem dos pensamentos que tiveram durante a vida em clausura. Portanto, um dos elementos necessários para a paz do espírito neste outro lado, é preciso - se purificar os pensamentos. Intuitivamente, ou pode - se dizer, com as vagas lembranças que nos chegam de onde viemos ao nascer, lembram - se todos de, nas horas dos pensamentos mais difíceis e ruins, procurar um lugar bom, para tentar superar algo desconhecido e incompreensível. Todos tem na alma a mesma origem, o mundo das idéias, o mundo em que todos moram após a morte. Algum estudioso acredita que a morte é uma passagem, mas os filósofos questionam esta afirmação para onde vamos e por que viemos.

Em Sócrates, assim em Platão a filosofia tem um fim prático, moral; é a grande ciência que resolve o problema da vida. Este fim prático realiza-se, no entanto, intelectualmente, através da especulação, do conhecimento da ciência. Mas

Na teoria sartriana, ao contrário da de Heidegger, a consciência da morte retira todo significado à vida, pois a morte é a "nadaificação" dos projetos, a certeza de que nada total nos espera. E conclui pelo absurdo da morte e, simultaneamente, da vida, que é uma "Paixão Inútil".

Mas seja a morte considerada, como em Heidegger, algo que dá sentido à vida; ou, como em Sartre, a dimensão do absurdo, o que nos intriga é a recusa que o homem contemporâneo manifesta em abordar a temática do morrer humano. Em nenhum tempo a recusa do enfrentamento da própria finitude foi tão visível. Muitas podem ser as explicações dadas por antropólogos, sociólogos, psicólogos, que certamente fecundarão a matéria de reflexão dos filósofos. O que não se pode é deixar de pensar na morte.

Platão descreve com autoridade a natureza das almas, pois como filósofo, ele pode contemplar a beleza das Musas, divindades que presidiam as artes e a ciência.

A descrição rápida de Platão em sua viagem ao mundo das almas:

A beleza era visível em todo o seu esplendor quando, na corte dos bem-aventurados, deparávamos com o espetáculo ridendo em que seguiam a Zeus (Deus na mitologia grega) e alguns entre nós a outros deuses. Iniciados nos mistérios divinos, nós os celebrávamos puros e livres, isentos das imperfeições em que mergulhamos no curso ulterior do nosso caminho. A integridade, a simplicidade, a imobilidade, a felicidade eram as visões que a iniciação revelava ao nosso olhar, imersas numa pura e clara luz. Não tínhamos mácula nem tampouco contato com esse sepulcro que é o nosso corpo ao qual estamos ligados como a ostra à sua concha.⁴

O que Platão descreve, só pode ser descrito pelos filósofos, únicos seres humanos capazes de viajarem no tempo. No "O Enigma de Platão", as pessoas vão conhecer o pequeno Jorge, um garoto que mergulha no mundo das almas e viaja no tempo, até Atlântida, a cidade perdida descrita por Platão. Lá ele recebe as informações de como os seres humanos se formaram ao longo do tempo. Descobre

⁴ (PLATÃO, 1973, p.98)

No diálogo Fedon, Platão (1991) descreve os momentos finais de Sócrates antes de sua execução, quando discute com os discípulos a respeito da ligação entre o corpo e alma. Sendo o corpo um estorvo para alma, a serenidade do sábio diante da morte é o reconhecimento de que a separação significa a liberdade do espírito.

Observa - se que no decorrer da história da filosofia, muitas vezes os pensadores tratam explicitamente a respeito da morte e da imortalidade da alma, mas essa questão está na raiz de toda filosofia e, mesmo quando não se discute diretamente sobre a morte, ela se situa no horizonte de toda reflexão filosófica. É nesse sentido que Platão afirma ser a filosofia uma meditação da morte, e Montaigne diz que "filosofar é aprender a morrer". Pois se a filosofia é uma das formas da transcendência humana, pela qual reflete - se a respeito de uma existência e destino, a discussão sobre a morte não lhe ode ser estranha.

De acordo com Heidegger (apud CHAUÍ, 1977, 145) " o ser do homem como possibilidade, como projeto. O introduz na temporalidade". Isso não significa apenas que o homem tem um passado e um futuro e que os momentos se sucedem passivamente uns aos outros; significa que o futuro se revela como aquilo para o qual a existência é projetada e que o passado é aquilo que a existência transcende. O existir humano consiste no lançar - se contínuo às possibilidades, entre as quais se encontra justamente a situação limite representada pela morte, a qual possibilita o olhar crítico sobre o cotidiano. É nesse sentido que pode - se considerar o homem como um " ser para a morte".

Para Heidegger (apud CHAUÍ, 1977, p.125), só o homem autêntico enfrenta angústia e assume a construção da vida. O homem inautêntico foge da angústia, refugia - se na impessoalidade, nega a transcendência e repete os gestos de " todo o mundo" nos atos cotidianos. No mundo massificado do homem inautêntico, até a morte é banalizada, e dela se fala como se fosse um acontecimento genérico, longínquo e impalpável. A impessoalidade tranqüiliza e aliena o homem, confortavelmente instalado num universo sem indagações. Há a recusa de refletir sobre a morte como um acontecimento que nos atinge pessoalmente.

Sartre (1967, p.34), referindo - se à sua infância em *As palavras*, diz " A morte era a minha vertigem porque eu não amava viver: é o que explica o terror que ela me inspirava.(...) Quanto mais absurda a vida, menos suportável é a morte".

pensamentos se encham de conhecimento e sabedoria de coisas boas e justas, passaremos para a vida eterna com estas lembranças, que se repetirão para sempre.

Em caso contrário, pensa - se somente em coisas injustas e ruins, ao passar para a vida eterna com eternas repetições destas coisas. Resumindo, a morte é como um sonho durante a vida na terra. Se prestar atenção aos sonhos, saberá exatamente como se movimenta durante a vida no infinito universo, após a morte de nossos corpos.

No mundo das idéias, onde as almas dos seres humanos vivem após à morte, estas dependem dos pensamentos que tiveram durante a vida em clausura. Portanto, um dos elementos necessários para a paz do espírito neste outro lado, é preciso - se purificar os pensamentos. Intuitivamente, ou pode - se dizer, com as vagas lembranças que aos chegar de onde viemos ao nascer, lembra - se todos de nas horas dos pensamentos mais difíceis e ruins, procurar um lugar bom, um templo, uma religião, ou um Deus, seja de qualquer lugar do planeta, de qualquer religião, ou mesmo os seres humanos mais céticos do mundo. Todos têm uma alma a mesma origem, o mundo das idéias, o mundo em que todos moram após à morte.

A morte simbólica para o homem não tem, contudo, consciência apenas da morte enquanto fim da sua vida. O conceito de finitude o acompanha em tudo que faz: é significativa a imagem mítica do deus Cronos (Tempo) devorando os próprios filhos.

A morte, como clímax de um processo, é antecedida por diversas formas de "morte" que permeiam o tempo todo a vida humana. O próprio nascimento é a primeira morte, no sentido de ser a primeira morte, no sentido de ser a primeira perda, a primeira separação. Rompido o cordão umbilical, a antiga e cálida simbiose do feto no útero materno é substituído pelo enfrentamento do novo ambiente.

A oposição entre o velho e o novo repete indefinidamente a primeira ruptura e explica a angústia do homem diante do seu próprio dilaceramento interno: ao mesmo tempo que anseia pelo novo, teme abandonar o conforto e a segurança da estrutura antiga a que já se habituou.

Os heróis, os santos, os artistas, os revolucionários são sempre os que se tornam capazes de enfrentar o desafio da morte, tanto no sentido literal como no simbólico, por serem capazes de construir o novo a partir da superação da velha ordem.

CAPITULO II

O ENIGMA DA MORTE

A morte é o destino inexorável de todos os seres vivos. No entanto, só o homem tem consciência da própria morte, Por se perceber finito, o homem aguarda com ansiedade o que poderá ocorrer após à morte. A crença na imortalidade, na vida depois da morte, simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade.

Pode - se verificar que os estudos a respeito dos primórdios da nossa civilização relacionam o aparecimento das primeiras angústias metafísicas do homem ao registro dos sinais de culto aos mortos. Portanto, a morte apresenta - se desde o início como uma fronteira que não significa apenas o fim da vida, mas o limiar de outra realidade instigante porque ininteligível, além de atemorizadora. O temor diante do desconhecido.

A morte daqueles que amamos e a iminência da nossa própria morte estimula a crença a respeito da imortalidade. Segundo Jaspers (apud CHAUI, 1977, p. 56), " existe algo em nós que não se pode crer suscetível de destruição". Por isso, é inevitável que desde o início da cultura do homem, o recurso à fé religiosa tenha aplacado o temor diante do desconhecido.

Através dos tempos, a consciência religiosa tem oferecido um conjunto de convicções que orientam o comportamento humano diante do mistério da morte: quer seja pelos rituais de passagem dos primitivos, quer seja nas religiões mais elaboradas, pelos preceitos do viver terreno para garantir melhor destino à alma. Por isso, a angústia da morte tem levado à crença na imortalidade e na aceitação do sobrenatural, do sagrado, do divino.

A resposta ao enigma da morte, em que a alma volta ao seu ponto inicial, é que ela vive absolutamente livre da matéria, mas só poderá manifestar - se pela experiência e evolução do conhecimento adquirido ao longo do tempo. E que a vida após à morte é como nos sonhos que nós seres humanos temos todos os dias. Se nossos

O que Platão descreve, só pode ser descrito pelos filósofos, únicos seres humanos capazes de viajarem no tempo. No livro *O Enigma de Platão*, os leitores vão conhecer o pequeno Jorge, um garoto que mergulha no mundo das almas e viaja no tempo, até Atlântica, a cidade perdida descrita por Platão. Lá ele recebe as informações de como os seres humanos se formaram ao longo do tempo. Descobre que o Conhecimento já existia antes do mundo dos homens, e que é formado pelo mundo das idéias, onde os deuses se nutrem de conhecimento, através da experiência vivida por todas as almas.

As almas, que vivem no mundo das idéias, no entanto, não podem manifestar-se em nosso mundo sem depender da matéria, por este motivo, as que vivem enclausuradas nos corpos humanos, ao lembrar deste detalhe que conhecem de outrora, lutam para conseguir a manifestação do eterno através de elementos materiais como o fogo e o ouro, que por ser bons condutores de energia, trazem dos recantos mais misteriosos do céu, a manifestação das almas que ali cooperam com os deuses na regência do universo.

A faculdade principal, essencial da alma é a de conhecer o mundo ideal, transcendental: contemplação em que se realiza a natureza humana, e da qual depende totalmente a ação moral. Entretanto, sendo que a alma racional é, de fato, unida a um corpo, dotado de atividade sensitiva e vegetativa, deve existir um princípio de uma e outra.

Segundo Platão (1991), tais funções seriam desempenhadas por outras duas almas - ou partes da alma: a irascível (ímpeto), que residiria no peito, e a concupiscível (apetite), que residiria no abdome - assim como a alma racional residiria na cabeça. Naturalmente, a alma sensitiva e a vegetativa são subordinadas à alma racional.

sede de conhecimento, a alma mergulha novamente na profundidade do céu e volta a seu pouso. Aquela (alma) que mais Verdades contemplou gerará um filósofo, um esteta ou um amante favorito das Musas.³

Platão descreve com autoridade a natureza das almas, pois como filósofo, ele pôde contemplar a beleza das Musas, divindades que presidiam as artes e a ciência. Além disso, descreve em um rápido intervalo sua viagem ao mundo das almas:

A beleza era visível em todo o seu esplendor quando, na corte dos bem-aventurados, deparávamos com o espetáculo ridente em que seguiam a Zeus (Deus na mitologia grega) e alguns entre nós a outros deuses. Iniciados nos mistérios divinos, nós os celebrávamos puros e livres, isentos das imperfeições em que mergulhamos no curso ulterior do nosso caminho. A integridade, a simplicidade, a imobilidade, a felicidade eram as visões que a iniciação revelava ao nosso olhar, imersas numa pura e clara luz. Não tínhamos mácula nem tampouco contato com esse sepulcro que é o nosso corpo ao qual estamos ligados como a ostra à sua concha.

A alma, assim como o Demiurgo, desempenha papel de mediador entre as idéias e a matéria, à qual comunica o movimento e a vida, a ordem e a harmonia, em dependência de uma ação do Demiurgo sobre a alma. Assim, deveria ser, tanto no homem como nos outros seres, porquanto Platão é um pampsiquista, quer dizer, anima

toda a realidade. Ele, todavia, dá à alma humana um lugar e um tratamento à parte, de superioridade, em vista dos seus impelentes interesses morais e ascéticos, religiosos e místicos. Assim é que ele considera a alma humana como um ser eterno (coeterno às idéias, ao Demiurgo e à matéria), de natureza espiritual, inteligível, caído no mundo material como que por uma espécie de queda original, de um mal radical. Deve portanto, a alma humana, libertar-se do corpo, como de um cárcere; esta libertação, durante a vida terrena, começa e progride mediante a filosofia, que é separação espiritual da alma do corpo, e se realiza com a morte, separando-se, então, na realidade, a alma do corpo.

³ (PLATÃO, 1991, 115)

Segundo Platão (1991), o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensível, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto, que ilumina o primeiro conhecimento, mas que dele não se pode derivar.

A diferença essencial entre o conhecimento sensível, a opinião verdadeira e o conhecimento intelectual, racional em geral, está nisto: o conhecimento sensível, embora verdadeiro, não sabe que o é, donde pode passar indiferentemente o conhecimento diverso, cair no erro sem o saber; ao passo que o segundo, além de ser um conhecimento verdadeiro, sabe que o é, não podendo de modo algum ser substituído por um conhecimento diverso, errôneo. Poder-se-ia também dizer que o primeiro sabe que as coisas estão assim, sem saber porque o estão, ao passo que o segundo sabe que as coisas devem estar necessariamente assim como estão, precisamente porque é ciência, isto é, conhecimento das coisas pelas causas.

O pensamento de um deus nutre-se de inteligência e de ciência puras. O mesmo se dá com todas as almas que buscam nutrir-se do alimento que lhes convém. Quando a alma, depois da evolução pela qual passa, atinge o conhecimento das essências, esse conhecimento das verdades puras a mergulha na maior das felicidades.²

Ninguém morre antes da hora. O tempo que perdeis não vos pertence mais do que o que precedeu vosso nascimento, e não vos interessa: considerai em verdade que os séculos inumeráveis, já passados, são para vós como se não tivessem sido.

Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vividos bastante.

Depois de haver contemplado essas essências, volta a alma ao seu ponto de partida. E, ao longo da evolução pela qual passou, ela pôde contemplar a Justiça e a Ciência - não esta que conhecemos, sujeitas às mudanças e que são contingentes aos objetos - mas a Ciência que tem por objeto o Ser dos Seres. Quando assim contemplou as essências, quando saciou a sua

² (PLATÃO, 1991, p. 97)



CAPITULO I

A MORTE

Um dos maiores temores da humanidade, dentre todos os lados sombrios e desconhecidos, é sem dúvida a morte. E a pergunta que todos fazem para onde vamos? Por que morremos? A morte é uma passagem para onde? é um grande enigma. No livro O Enigma de Platão, busca responder a seguinte questão: O que acontece com os seres humanos depois da morte?

Na obra de Platão o Fedro, faz o seguinte relato:

Nenhum poeta jamais cantou nem cantará a região que se situa acima dos céus. Vejamos, todavia, como ela é. Se devemos dizer sempre a verdade, quanto mais obrigados o seremos ao falarmos da própria verdade. A realidade sem forma, sem cor, impalpável só pode ser contemplada pela inteligência, que é o guia da alma. E é na idéia Eterna que reside a ciência perfeita, aquela que abarca toda a verdade.¹

A morte é enigma que vem durante os séculos com diferentes definições para alguns é diminuir ou extinguir a vitalidade de alguma parte do corpo ou do próprio corpo em si.

Este caráter íntimo, humano, religioso da filosofia, em Platão é tornado especialmente vivo, angustioso, pela viva sensibilidade do filósofo em face do universal vir-a-ser, nascer e perecer de todas as coisas; em face do mal, da desordem que se manifesta em especial no homem, onde o corpo é inimigo do espírito, o sentido se opõe ao intelecto, a paixão contrasta com a razão. Assim, considera Platão o espírito humano peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar o seu fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico.

¹ (PLATÃO, 1991, p.57-126)

fim, isto é, chegar à contemplação do inteligível, para o qual é atraído por um amor nostálgico, pelo eros platônico.

O sistema metafísico de Platão centraliza-se e culmina no mundo divino das idéias; e estas contrapõe-se à matéria obscura e incriada. Entre as idéias e a matéria estão o Demiurgo e as almas, através de que desce das idéias à matéria aquilo de racionalidade que nesta matéria aparece.

O divino platônico é representado pelo mundo das idéias e especialmente pela idéia do Bem, que está no vértice. A existência desse mundo ideal seria provada pela necessidade de estabelecer uma base ontológica, um objeto adequado ao conhecimento conceptual. Esse conhecimento, aliás, se impõe ao lado e acima do conhecimento sensível, para poder explicar verdadeiramente o conhecimento humano na sua efetiva realidade. E, em geral, o mundo ideal é provado pela necessidade de justificar os valores, e dever ser, de que este nosso mundo imperfeito participa e a que aspira.

INTRODUÇÃO

A morte é o destino inexorável de todos os seres vivos. No entanto, só o homem tem consciência da própria morte.

Ao perceber finito, o homem aguarda com ansiedade o que poderá ocorrer após a morte. A crença na imortalidade, na vida depois da morte, simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade.

No início da civilização relacionam o aparecimento das primeiras angústias metafísicas do homem ao registro dos sinais de culto aos mortos. A morte apresenta-se desde o início como uma fronteira que não significa apenas o fim da vida, mas o limiar de outra realidade instigante porque ininteligível, além de atemorizadora; o temor diante do desconhecido.

A morte daqueles que amamos e a iminência da nossa própria morte estimula a crença a respeito da imortalidade.

Através dos tempos, a consciência religiosa tem oferecido um conjunto de convicções que orientam o comportamento humano diante do mistério da morte: que seja pelos rituais de passagem dos primitivos quer seja religiões mais elaboradas, pelos preceitos do viver terreno para garantir melhor destino à alma. Por isso, a angústia da morte tem levado à crença na imortalidade e na aceitação do sobrenatural, do sagrado, do divino.

Platão a filosofia tem um fim prático, moral; é a grande ciência que resolve o problema da vida. Este fim prático realiza-se, no entanto, intelectualmente, através da especulação, do conhecimento da ciência. Mas - diversamente de Sócrates, que limitava a pesquisa filosófica, conceptual, ao campo antropológico e moral - Platão estende tal indagação ao campo metafísico e cosmológico, isto é, a toda a realidade.

Este caráter íntimo, humano, religioso da filosofia, em Platão é tornado especialmente vivo, angustioso, pela viva sensibilidade do filósofo em face do universal vir-a-ser, nascer e perecer de todas as coisas; em face do mal, da desordem que se manifesta em especial no homem, onde o corpo é inimigo do espírito, o sentido se opõe ao intelecto, a paixão contrasta com a razão. Assim, considera Platão o espírito humano peregrino neste mundo e prisioneiro na caverna do corpo. Deve, pois, transpor este mundo e libertar-se do corpo para realizar o seu

Sumário

I - Dedicatória	03
II - Agradecimento	04
III - Introdução	06
IV - capítulo I : a morte	08
V - capítulo II : o enigma da morte	12
VI - capítulo III : a morte e a sociedade	22
VII - Considerações finais	26
VII - Bibliografia	28

Agradeço ao poder supremo, digo Deus, pela criação ou melhor detendo a minha vida, com certeza em primeiro plano, meus pais autores da minha vida.

Pois este é o caminho perfeito do ser, e por ele que adquirimos o conhecimento, tesouro imensurável.

Não poderia deixar de citar a todos os mestres desde a minha primeira professora da série inicial até os dias de hoje, os quais me orgulho muito, mesmo depois de algum tempo parado, voltar a estudar foi muito bom.

Acredito que esta fonte de sabedoria é algo que fará com certeza uma pessoa capaz de conduzir até o meu próximo um pouco de muito que aprendi.

E por último ao governador do Estado de Goiás, Sr. Marconi Perillo, que nós deu oportunidade de concluir o curso através de bolsa de estudo.

Dedico está, a minha esposa, pela compreensão e pela paciência nas horas que foram precisas para o estudo.

A minha filha Nadya, que sempre que percebeu as dificuldades me animava com seus bilhetes. A todos aqueles que sempre me motivaram em todos os aspectos de minha vida, valorizando meu trabalho e meu esforço em todos os aspectos, em especial a grande amiga Dianiêre, aos colegas que nunca deixaram que desanima - se.

Ao professor e orientador Rogério Jacinto Viera , que muito me auxiliou com seus conhecimentos e paciência.

Aos mestres que muito somou a esse conhecimento não acabado, porém jamais infinito, que com respeito e carinho os tenho guardados em minha lembrança.

A todos os funcionários, em especial a Diretora Zita Pires e ao Pe. Kinkas, que quando pensamos em parar está trajetória, nós deu aquela palavra de animo e força para chegar a este dia.

Monografia apresentada no dia 10 de junho de 2005.

Parte da exigência do curso de filosofia.

Rogério Jacinto Vieira.

Orientador

FACER - 2005.

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 10 de junho de 2005

Hora: 21:55h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia

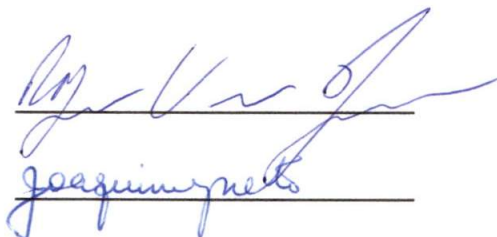
Acadêmico(a): Laerte Gonçalves Júnior

Título: *A morte em Platão*

Componentes da Banca:

Orientador(a): Rogério Vieira Jacinto

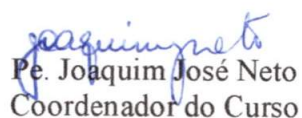
Joaquim José Neto



Handwritten signature of Joaquim José Neto, written in blue ink, positioned above a horizontal line.

Nota: 90

Rubiataba, 10 de junho de 2005



Handwritten signature of Joaquim José Neto, written in blue ink, positioned above the printed name and title.

Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do Curso

Laerte Gonçalves Júnior



A MORTE EM PLATÃO

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba - FACER, sob a orientação do professor Rogério Jacinto Vieira.

30640
Soori

Tombo nº	105.29
Classif.:
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	09.09.05

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

A MORTE EM PLATÃO

Laerte Gonçalves Júnior

Rubiataba-2005